



## ASSUNTOS MILITARES

### I — OS CONCEITOS COMUNISTAS DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA

Condensado pelo Ten-Cel Hugo de Andrade  
Abreu. Artigo de autoria do Cap D. G. Lom-  
omis, do Exército Canadense e publicado no  
"Canadian Army Journal".

Desde que surgiu o Islã, há 1200 anos, o Ocidente nunca esteve tão seriamente ameaçado como hoje, mas desta vez pelo comunismo. A análise das circunstâncias em que surgiu o comunismo e se verificaram os seus êxitos no Século XX, reveste-se da maior significação para os que vivem em uma democracia, sendo ainda de valor inestimável para os que se dedicam ao estudo da guerra.

A finalidade deste artigo é estudar o desenvolvimento e os métodos empregados pelos comunistas na conquista de seu êxito generalizado. Deste estudo se verificará se estão sendo utilizados quaisquer princípios diferentes ou novos.

O estudo deve ter como ponto de partida o começo do comunismo. Não é de surpreender o fato de se verificar que os dois grandes teóricos, Marx e Engels, lançaram os fundamentos de uma política militar para apoiar na prática suas teorias econômicas e políticas, ao passo que suas teorias no campo não militar foram reunidas nas obras intituladas "Capital" e "Manifesto", mas as suas diretrizes militares jamais foram compiladas. O que surpreende é que, até agora, suas doutrinas militares não tenham sido amplamente divulgadas em nosso idioma.

#### A GUERRA SEGUNDO MARX E ENGELS

O alvo de toda a teoria e de toda a prática dos comunistas é, nada mais nada menos, do que a propagação do comunismo pelo mundo todo.

Sejam quais forem as circunstâncias, não se pense que pelas cabeças dos comunistas passa sequer a idéia de desistir de atingir êsse alvo. Neste particular, êles têm sido sistemáticos em seu apêgo ao princípio de Seleção e Manutenção do objetivo visado durante os últimos cem anos.

Marx, em sua "Tese sôbre Fauerbach", escrita em 1945, afirma: "Para tornar uma realidade a revolução mundial, as considerações de ordem estratégica são, por isso, primárias e fundamentais". Esta declaração será compreendida por quem quer que esteja familiarizado com a guerra. Entretanto, a interpretação dela por Marx e Engels é um marco no desenvolvimento do pensamento militar. O conceito da nação em armas foi fundamental em seu pensamento. Êles reconheceram a guerra como de natureza quádrupla — diplomática, econômica, psicológica e, em última instância, militar. A conexão íntima disto ainda não foi inteiramente compreendida por tôdas as nações, muito embora ela tenha sido, durante muitos anos, a base operativa dos comunistas.

Foi Engels e não Marx quem desempenhou o papel importante na formulação da política militar inicial dos comunistas. Hoje, os resultados de seus ensinamentos podem ser vistos, em prática, dentro dos vários países comunistas ora existentes. Nos primeiros anos de sua vida, Engels teve experiência como soldado, e nos últimos, já no exílio, trabalhou como correspondente militar para vários jornais. Seus escritos mostram uma assombrosa familiaridade com os feitos e ensinamentos dos grandes estrategistas militares do passado. Além disso, foi profundo o seu conhecimento detalhado da organização e funções dos exércitos mais poderosos durante a última metade do Século XIX. Foi nesta experiência que se basearam muitos dos preceitos dos comunistas sôbre a guerra.

Para Engels e Marx, a guerra deveria ser conduzida por diferentes meios quando em campos diferentes. O resultado disto achá-se declarado com precisão, por Engels, em uma carta que endereçou a Marx em 25 de setembro de 1857, na qual se encontra o seguinte trecho: "O combate é para a guerra o que o pagamento à vista é para o comércio, porque, por mais raro que o combate possa ser, tudo é dirigido no sentido dêle, que eventualmente pode ocorrer e deve ser decisivo". Nos pensamentos de Engels e Marx sôbre a guerra, é possível discernir três estágios de desenvolvimento. O primeiro é uma análise minuciosa das táticas de guerra civil que surgiram como conseqüência do malôgro da revolução social na Europa em 1848. O segundo período ocorreu durante as primeiras fases de seu exílio na Inglaterra, na década de 1850. Êste período presidiu ao estudo da estratégia como era praticada então, pelas principais potências. O estágio final, durante a década de 1860, resultou no desenvolvimento teórico da natureza e conceitos do estado revolucionário. Como resultado de seu trabalho, pode ser encontrado o padrão da guerra total moderna. A aplicação integral de suas teorias está apenas emergindo cem anos após a sua exposição.

O malôgro da revolução social em 1848 induziu Engels a declarar: "A crise comercial mundial de 1847 foi a verdadeira causa das revolu-

ções de fevereiro e março, e a prosperidade industrial que chegou gradualmente nos meados de 1848, atingindo seu pleno florescimento em 1849 e 1850, foi o fato vitalizante da reação européia renascente. Isto foi decisivo". Concluindo, afirmou: "Uma nova revolução só é possível como consequência de uma nova crise, e ela é também tão certa como a última". Assim, as crises econômicas são o toque de clarim para a revolução, e qualquer tentativa de revolucionar sem esse elemento importante foi inútil e perigosa. Marx acrescentou que a guerra também constituía uma crise, quando disse que "a guerra poderia ser a parteira da revolução. E assim, o elemento importante introduzido em todo o planejamento futuro foi o da sincronização. A sincronização tornou-se o padrão da estratégia hábil. Uma segunda lição aprendida foi a de que para cada revolução tem de haver uma contra-revolução.

Estes conceitos não foram compreendidos imediatamente por todos os comunistas, mas várias insurreições fracassadas, particularmente a Comuna de Paris, em 1871, que foi de curta duração, os fizeram aprender bem a lição. De 1870 em diante, qualquer tentativa comunista séria de insurreição ou expansão ocorreu sempre durante um período de crise econômica ou de qualquer outro caráter. Nos casos em que ocorreu fracasso, o mesmo foi devido principalmente à reação contra-revolucionária após o êxito inicial. À medida que passaram os tempos, foi tomado cada vez mais cuidado no planejamento para enfrentar a inevitável contra-revolução e, quando a mesma ocorreu ou se suspeitou de que estava para ocorrer, foi enfrentada de forma implacável.

Sobre a conduta da insurreição, Marx e Engels estabeleceram os seguintes pontos:

- 1 — a insurreição é tanto uma arte como a guerra;
- 2 — nunca jogue com a insurreição, a menos que você esteja totalmente preparado para enfrentar as consequências de seu jogo;
- 3 — uma vez que se veja envolvido numa insurreição, aja com os meios na determinação e na ofensiva. A defensiva é a morte de todo levante armado — surpreenda o seu adversário — mantenha a ascendência moral — audácia, audácia, audácia, mais audácia.

O estágio seguinte dos estudos feitos por Engels e Marx tratou da estratégia das nações, então existente, durante a década de 1860. Isto conduziu a muitos prognósticos surpreendentes; um dos mais notáveis relacionou-se com o curso de uma guerra entre a Alemanha e a França, no qual o ponto crítico seria uma batalha travada nas regiões dos rios Aisne ou Marne. As conclusões deste período de estudo não foram tão numerosas como as resultantes de seus estudos iniciais. Entretanto, elas são importantes e podem ser resumidas da seguinte forma:

- 1 — Para que uma revolução comunista fôsse coroada de êxito, seria necessária uma aliança com os camponeses. A revolução industrial estava então em pleno desenvolvimento, e os revolucionários deixaram

de levar em conta a nova classe de trabalhadores. Isto foi deixado para os expoentes do comunismo que vieram mais tarde. Entretanto, o princípio de uma aliança com a classe menos privilegiada da sociedade constituiu um desvio de orientação notável para quem quer que, no Século XIX, ambicionasse o poder. E ocorreu como consequência natural de seu trabalho muito divulgado em outros setores.

2 — A política externa e os negócios internos de qualquer nação acham-se intimamente relacionados. Os comunistas observaram que essa relação surgiu como coisa esperada em qualquer nação. Desde que assim era, qualquer nação deveria empenhar-se no sentido de correlacionar tanto quanto possível a sua política externa com a interna. O século XX viu surgirem as nações comunistas. A relação entre a política externa e a política interna dessas nações constitui um contraste profundo com a das nações democráticas.

3 — Uma nação não pode determinar seu destino. O destino de todas as nações é correlato. Isto vem sendo reconhecido desde muito tempo, mas a sua aplicação pelos estados comunistas a partir da II Guerra Mundial tem tido um efeito profundo sobre os negócios do mundo e a propagação do comunismo.

O estágio final da obra de Engels e Marx assistiu à emergência da natureza e do conceito do estado revolucionário, e com êle a forma do futuro radicalismo comunista.

O estágio final da fase revolucionária de Engels foi a doutrina da nação em armas. O objetivo de Engels era destruir não o militarismo mas as suas tradições feudais. Em lugar dessas tradições, devem ser desperfas as tendências democráticas inerentes ao serviço militar obrigatório. Tanto Engels quanto Marx frisaram a função da organização militar na direção do desenvolvimento social. A fórmula era simples e seguiu o exemplo da Revolução Francesa. A "levée en masse" (levante em massa) abriu o caminho para a burguesia e os camponeses ingressarem nos exércitos modernos. Para a maioria das nações, isto garantiu forte resistência às ameaças externas e assim foi utilizado. Para Engels, abriu o caminho para a revolução social interna, com suas consequentes modificações nos campos econômico e social.

A nação em armas englobou uma luta de diplomacia, economia e psicologia e, em última instância, ação militar. A nação estaria sempre envolvida nesta luta, de vez que haveria sempre contra-revolucionários, senão a ameaça externa direta de outras. Os termos "guerra" e "paz" assumiram um sentido diferente — de fato, nas condições consideradas, elas eram desprovidas de sentido. A totalidade do sentido desta filosofia radical não foi compreendido senão no meado do Século XX. A este conceito de guerra, quando aplicado ao cenário internacional, tem sido dado o título de "Guerra Fria".

#### DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO COMUNISTA DE GUERRA

As características essenciais do conceito comunista de guerra foram estabelecidas por Marx e Engels. Após a morte dos dois, seus conceitos

foram postos em prática e, em certos casos, modificados e ampliados durante a primeira metade do Século XX.

A revolução comunista mundial, após uma série de fracassos na França e Alemanha, ganhou raízes, finalmente, na Rússia, em 1917 e 1918. Os desenvolvimentos verificados desde a Revolução Russa são importantes porque as teorias de Engels e Marx foram submetidas a um ensaio prático e, também, porque a criação do Exército Vermelho constituiu a primeira força militar convencional organizada do comunismo.

A Revolução Russa de novembro de 1917 varreu não só as instituições políticas e as classes sociais, mas também a organização militar em seus conceitos de estratégia. Em seu lugar nasceu o Exército Vermelho em 23 de fevereiro de 1918. Este novo exército teve a finalidade inicial de proteger as massas trabalhadoras contra os inimigos internos e externos. Num período de 40 anos, ele cresceu a ponto de se converter numa instituição nacional russa. Os modeladores da Rússia de hoje seguiram o padrão geral esboçado por Engels e Marx neste aspecto. Entretanto, tem havido certas modificações efetuadas por motivo da experiência adquirida na administração de uma nação. Fundamentalmente, o desenvolvimento tem sido no campo "tático" de aplicação das teorias comunistas, em vez de no desenvolvimento de novas teorias. Os homens principalmente responsáveis por isto são Lenine, Trotzky e Stalin, e é deles que esta seção tratará.

Lenine foi um estudioso aplicado da revolução, bem como do socialismo. Ele compreendeu bem o papel da violência e da força armada nos negócios humanos. Havia refletido sobre a famosa frase de Clausewitz de que "a guerra é a política continuada por outros meios". Lenine frisou que os comunistas consideraram sempre este axioma como o fundamento teórico para o significado de todas as guerras.

Lenine desdenhava daqueles marxistas (principalmente na França, Grã-Bretanha e Estados Unidos) que se tornaram patriotas depois de 1914 e apoiaram seus respectivos governos na continuação da guerra. Isto sublinhou a tese de que um verdadeiro comunista só é leal à revolução mundial comunista.

Depois de chegar ao poder, Lenine compreendeu que a guerra contra a Alemanha não podia ser levada a cabo pelos exércitos russos que os comunistas neutralizaram com tanto esforço. Não obstante, ele acreditava que a guerra podia ser continuada não só contra os Impérios Centrais, mas também contra os Aliados, por meios diplomáticos e psicológicos. O seu objetivo era defender a revolução russa e converter a guerra internacional em uma guerra civil européia.

Os bolchevistas utilizaram o armistício de Brest-Litovsky e as conferências de paz como tribunas para a propagação de suas idéias. Eles passaram por cima das cabeças dos chefes de governo e tentaram negociar com seus povos. Os prisioneiros de guerra alemães foram doutrinaados e o Exército Alemão que enfrentava a Rússia foi tão invadido pela subversão, que muitas de suas divisões não puderam ser transferidas para

a Frente Ocidental. As conferências de paz arrastaram-se por dois meses e meio, devido à introdução do maior número possível de fatores que nada tinham a ver com elas. A Alemanha, que se via a braços com a guerra no Oeste, necessitava de segurança no Leste. Finalmente, os alemães enviaram seus exércitos contra a Rússia. De preferência a se arriscarem à revolução total, os bolchevistas deram-se pressa em aceitar condições que lhes eram menos satisfatórias. Perderam 34% da população, 32% das terras, 57% de sua indústria e 89% das minas de carvão na Rússia. Essas condições foram, mais tarde, postas de lado pelos Aliados. Mal se havia materializado o compasso de espera assim obtido, a Rússia foi açoitada pela contra-revolução. Neste caso, a intervenção estrangeira foi em auxílio dos contra-revolucionários russos. Nesta fase infeliz, a Grã-Bretanha, França e Estados Unidos deram auxílio ativo para depor os comunistas — classifico esta fase de infeliz por causa das diretrizes incertas e vacilantes dos aliados. Winston Churchill resumiu bem a situação quando disse: “Estavam eles (os aliados) em guerra com a Rússia Soviética? Certamente que não; mas atiravam nos russos logo que os avistavam”. Os aliados agiram como invasores do solo russo. Armaram os inimigos do Governo Soviético. Bloquearam seus portos e afundaram seus encouraçados. Desejaram e planejaram, resolutamente, sua queda. Mas a guerra — que coisa chocante! A interferência — vergonha! Para eles, disseram-no por várias vezes, era indiferente a maneira como os russos iriam solucionar seus assuntos internos. Isto, porém, não era indiferença aos comunistas. A intervenção reafirmou os perigos de contra-revolução e indicou aos comunistas como as nações do Ocidente se sentiam com relação ao comunismo. Os resultados desta aventura estão enfrentando o mundo, e isto uns quarenta anos depois. Outro resultado mais positivo foi a criação do Exército Vermelho, bem adestrado nos problemas da guerra moderna. A guerra com a Alemanha depois da revolução de 1918 e da contra-revolução em 1919 e 1920 demonstrou que a propaganda revolucionária, por mais útil que demonstre ser, não pode, de per si, conquistar vitórias militares. A fim de conquistar vitórias nas esferas diplomática, econômica e psicológica da guerra, as ações devem ser apoiadas por um forte potencial militar.

O Exército Vermelho foi forçado a restabelecer a disciplina militar. Trotzky, na qualidade de Ministro da Guerra, foi o responsável pela organização daquele exército. Embora 48.000 oficiais e 250.000 soldados e sargentos do velho exército czarista tenham sido incorporados ao novo, o Exército Vermelho, êste era diferente em muitos aspectos, o mais importante dos quais foi o valor atribuído ao controle político, o qual estendeu-se às formações do mais baixo escalão. Trotzky declarou que os soldados “devem aprender bem seu exercício militar e, tanto quanto possível, ser treinados ao ar livre. Devem ser ensinados a fazer seus discursos políticos curtos e sensatos, limpar os fuzis e engraxar as botas...”

A base política estava a par com o treinamento e manutenção do equipamento. E isso era básico, fundamental. Para implementar essa orientação, eram colocados no exército agentes políticos na mesma base

que os comunistas táticos. Isto era, naturalmente, uma medida de senso comum para os comunistas, uma vez que não desejavam que em seu novo exército acontecesse o mesmo que eles provocaram no do Czar. A intervenção Aliada e os subseqüentes embargos comerciais resultaram, em 1922, no conceito de um mundo dividido, quando foi declarado pela Rússia que "o perigo de novos ataques torna inevitável a criação de uma frente comum, pela República Soviética, contra o cerco capitalista". Lenine disse que "a guerra deve ser utilizada pelo proletariado para levar a cabo a revolução social". As greves, o pacifismo e a não-resistência são, em si mesmos, fatores sem significado. A reação do povo ante a guerra deve ser regulada pela espécie de guerra em questão e pelos fins para a qual a mesma está sendo travada. Em 1928, o VI Congresso Mundial da Internacional Comunista resolveu: "o aniquilamento do capitalismo é impossível sem a violência".

Entre as duas guerras, o problema da consolidação da Revolução no país absorveu a atenção dos comunistas na Rússia. Este período foi principalmente de defesa na esfera internacional, ao mesmo tempo que dentro da Rússia foi desencadeada uma ofensiva vigorosa para comunistizar a nação. Entretanto, nenhum líder russo jamais negou o caráter internacional do comunismo. Este período também é marcado pelo caráter cada vez mais nacionalista do comunismo russo sob a direção de Stalin. Este foi um período de consolidação, durante o qual se estabeleceu a base para a futura ação ofensiva internacional. A preparação psicológica do povo soviético para a ofensiva que estava para ser desencadeada, constituiu uma tarefa contínua. Em 1937, Stalin declarou que a "Preparação militar, a arte de conduzir a guerra e a ciência da guerra constituíam a ocupação diária dos trabalhadores, camponeses, estudantes e funcionários civis da Rússia.

Quando se aproximou a crise da II Guerra Mundial, então os russos começaram a ensaiar a ofensiva. Quando Hitler marchou contra a Polónia, a Rússia avançou até o rio Bug. Enquanto a França estava caindo, a Rússia apossava-se calmamente das três repúblicas bálticas, bem como da Bessarábia, que pertencia aos romenos.

De 1943 a 1945, a Rússia esteve empenhada numa guerra convencional com a Alemanha — uma guerra que, para seu desgosto, foi iniciada pela Alemanha. Este período, entretanto, não fez surgir quaisquer novos conceitos comunistas de guerra. Foi o tipo da guerra bem compreendida por todas as nações.

#### O CONCEITO COMUNISTA DE GUERRA APÓS A II GUERRA MUNDIAL

O período que se seguiu à II Guerra Mundial viu o desenvolvimento completo da teoria comunista posta em prática. O resultado só pode ser descrito como uma expansão sem precedentes em "tempo de paz" numa escala mundial. O período posterior à II Guerra Mundial foi de ação ofensiva comunista intensiva. A par da crise criada pela própria guerra, ve-

rificou-se uma crise econômica de âmbito mundial, de 1945 a 1947, enquanto as várias potências mundiais transformavam suas respectivas economias da base de tempo de guerra para a de tempo de paz. Além do mais houve os chamados vácuos resultantes da guerra. A derrota da Alemanha ocasionou um desses vácuos na Europa Oriental. O colapso do Japão causou outro no Extremo Oriente, o qual foi intensificado pelo enfraquecimento da Holanda, França e Grã-Bretanha. O enfraquecimento da França e da Grã-Bretanha também ocasionou um vácuo menos profundo no Oriente Médio. A recessão branda de 1949 prolongou ainda o período de crise até 1950. Destarte, o período de 1945 a 1950 foi de crise para as nações ocidentais e, como tal, converteu-se em período ideal para a ação ofensiva comunista.

O comunismo, com seu centro focal na Rússia, preparou-se para a crise, a qual se seguiria certamente a II Guerra Mundial, mas que começou mesmo antes do término da mesma. Os pontos de vista divergentes dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha quanto ao curso da estratégia mundial tornaram-se evidentes para a Rússia, a qual explorou a situação. Por volta de 1943, era claro que a Rússia tencionava estabelecer o controle da Europa Oriental, pelo menos. Em virtude da ocupação e da atividade comunista local, o controle da Europa Oriental pela Rússia foi um fato confirmado por volta de 1944. Não foi senão em fevereiro de 1945, em Yalta, que os Estados Unidos se mostraram prontos a assumir uma política ativa para com a Europa Oriental. Já então era demasiado tarde. Muito embora a Rússia concordasse com as propostas apresentadas em Yalta, tornou-se evidente, desde o princípio, que ela não levava a sério esses acordos. Em abril de 1945 foi reconhecido o governo comunista polonês instalado em Lublin. Este ato foi seguido pela transferência à Polônia de parte da zona de ocupação russa na Alemanha. Mais tarde, o Marechal Tito, com o apoio russo, não tomou conhecimento das disposições de Yalta no tocante à Iugoslávia. Na Romênia, o governo não comunista foi apeado por influência russa. As tentativas dos ocidentais no sentido de contrabalançar esta ofensiva comunista na Europa Oriental tiveram por base conferências e conversações com a Rússia. Foram, porém, absolutamente improficuas. Por volta de 1947, começava então a triste realidade do que os ocidentais passaram a chamar "Guerra Fria". O comunismo havia estado em guerra e tinha desencadeado uma ação ofensiva intensiva e vitoriosa contra os seus inimigos, que nem sequer compreendiam que estavam em guerra — isto apesar do fato de que em todo o mundo os partidos comunistas locais eram animados publicamente a fazer a guerra às democracias.

De 1947 a 1952, o Ocidente começou a tomar uma atitude mais positiva, adotando uma política puramente defensiva chamada "política de contenção". Esta política focalizou-se na Rússia, em vez de no comunismo. O Ocidente dedicou uma certa quantidade de recursos a esta defesa. No campo econômico foram iniciados planos bem conhecidos como o ERP e o Marshall. As defesas conseguiram conter a expansão do comunismo, mas não antes da queda da Europa leste central. O fracasso



do bloqueio de Berlim em 1948 e 1949 bem como a criação da OTAN em 1949, fizeram parar a ofensiva comunista generalizada na Europa. A ameaça potencial de ação militar conteve a ofensiva diplomática, econômica e psicológica comunista. Este mesmo período assistiu às fases finais da ofensiva comunista chinesa. Neste caso, ela foi levada a efeito por ação militar sob a forma de guerra civil. Por volta de 1949, o Extremo Oriente foi palco de violências, instabilidade e quase desastre econômico, em consequência de vigorosa ação ofensiva. Os comunistas, que tinham acabado de conquistar a China, ameaçavam os governos vacilantes das Filipinas, Coreia, Indochina, Indonésia, Birmânia e Malaia. Somente em 1953 se verificou a estabilização da situação. O custo pago pelo Ocidente foi elevado, em vista da derrota francesa na Indochina e do impasse na Coreia.

O caráter essencial da guerra comunista no Extremo Oriente diferiu pouco dos ensinamentos já estabelecidos. As declarações dos líderes chineses proporcionam um indício claro de sua atitude. Mao Tse-tung declarou textualmente: "Eu sou marxista, dedicado a comunizar a China e o mundo sob a liderança de Moscou". Chou En-Lai, aludindo ao armistício coreano, declarou em 1956: "o Direito Internacional é uma criação burguesa e não obriga a China", e em 1957 garantiu à Rússia que o principal interesse de sua nação era "a vitória na luta comum pelo triunfo do comunismo".

Os comunistas começaram a consolidar os seus êxitos recentes, quando a sua ação ofensiva enfraqueceu. A ofensiva, porém, jamais foi abandonada. Ela foi mantida, ainda que menos intensa, como meio de manter seus adversários, vacilantes, em vez de conquistar novas e espetaculares vitórias.

O período de consolidação comunista não tem sido isento de dificuldades. A contra-revolução mais digna de nota ocorreu na Hungria em 1956. Também ocorreram dificuldades na Polônia e na Tcheco-Eslováquia. Entretanto, o fator mais significativo deste período tem sido a falta de uma contra-ofensiva, pelo Ocidente.

Constitui um erro sério o pensar-se que a ofensiva comunista foi contida por uma política de defesa e contenção. Ela foi quebrada pelos comunistas. A razão para isso foi o advento da prosperidade econômica da década de 1950. "É um erro ainda mais grave considerar-se que a vitória será conquistada neste tipo de guerra sem uma ação ofensiva vigorosa. É certo que, logo que surja uma crise conveniente, a ação ofensiva comunista será intensificada". A Guerra Fria ficará mais quente, como o disse um trocista. Esta tendência tornou-se evidente em 1958, durante a recessão de pouca intensidade, e então os comunistas intensificaram a ofensiva no Oriente Médio e em outras zonas.

Certa vez, Lenine disse: "Seríamos uns revolucionários muito fracos se, na grande guerra pela emancipação do proletariado e do socialismo, não soubéssemos como utilizar todos os movimentos populares". Pos isso, em 1955, Gamal Abdel Nasser obteve o apoio diplomático, econômico e

psicológico dos comunistas à sua política de nacionalismo árabe. Em 1958, quando o Ocidente se viu a braços com dificuldades económicas, a ação ofensiva comunista foi intensificada por um apoio mais ativo do nacionalismo árabe. O resultado foi a desastrosa guerra civil no Líbano e no Iraque. Se, futuramente, ocorrer uma crise mais sória, a ofensiva comunista se tornará mais vigorosa. Em julho de 1958, quando se encontrava na Embaixada Polonesa, Kruchev fez o seguinte comentário: "Que os imperialistas se acautelem, nós somos revolucionários. Somos marxistas e sentimo-nos satisfeitos quando as nações coloniais se levantam e lançam longe seus grilhões".

O curso da política militar dos comunistas vem sendo traçado há mais de cem anos, de uma maneira muito superficial. Restá agora considerar suas diretrizes e apurar se têm observado qualquer forma definida. Têm eles tido qualquer política consistente? Criaram eles, de fato, quaisquer princípios — princípios de guerra?

### PRINCÍPIOS DE GUERRA COMUNISTA

É extremamente difícil atribuir consistência às ações dos comunistas. Na esfera internacional, isto tem causado grande confusão e continuará a causá-la. Em um aspecto, no objetivo do comunismo de estabelecer uma nação comunista universal, os comunistas têm mostrado notável consistência. Além do mais, há também certo número de guias ou regras de ação, isto é, princípios nos quais a consistência pode ser discernida nos últimos cem anos. Qualquer lista suscitará, indubitavelmente, críticas, mas a que se segue é considerada como incorporando o que, corretamente, pode ser denominado Princípios de Guerra. Poder-se-á ver que esta lista é muito diferente dos princípios de guerra geralmente aceitos, tal como são compreendidos pelas nações ocidentais. Aqui encontra-se a base da aparente mas compreensível inconsistência comunista, e algo que serve para explicar o êxito do comunismo no Século XX.

1. A guerra e a paz não têm significação ou lugar no conceito comunista da nação em armas. Cogita-se de uma luta contínua contra os contra-revolucionários que ajam dentro ou fora da nação.

(Neste estudo, o termo "guerra" será conservado quando se fala nessa luta contínua).

2. A guerra é de natureza quádrupla — diplomática, econômica, psicológica e, em último recurso, militar. Esta é uma das mais profundas inspirações, mas este estudo limitar-se-á às seguintes observações e questões:

a) Não é a segurança o aspecto defensivo da guerra diplomática, econômica, psicológica e militar?

b) Não é a manutenção do moral uma porção do aspecto defensivo da guerra psicológica?

(3) Não é a administração uma porção do aspecto defensivo da guerra econômica?

Sustenta-se que a resposta a estas questões é SIM. Surge então a questão de saber se estes três princípios comumente sustentados são ou não, de fato, princípios ou corolários deste, um princípio mais básico.

3. *Um comunista não é leal senão ao comunismo. Por conseguinte, um comunista não pode ser leal a qualquer nação, instituição ou pessoa, a não ser às nações, instituições ou pessoas que sejam comunistas.*

4. Para cada revolução haverá uma contra-revolução. Ademais, a contra-revolução será contínua. Isto, combinado com "1", implica em que, na melhor das hipóteses, só nos podemos aproximar do objetivo da guerra sem jamais atingi-lo, assintoticamente.

5. O êxito na guerra depende de uma aliança com as classes menos privilegiadas da sociedade.

6. Aja sempre ofensivamente, em tantas esferas quanto possível. Este princípio relaciona-se intimamente com o seguinte. O ideal é uma ofensiva diplomática, econômica, psicológica e militar combinada. Em qualquer caso; a ação ofensiva nas esferas diplomática, econômica e psicológica não pode ser coroada de êxito se não existir um potencial militar.

7. Todas as ações devem ser levadas a cabo no momento oportuno. Em particular, a sincronização da ação ofensiva é regulada pelas crises. A crise mais grave para um estado capitalista é a econômica, seguindo-se-lhe a guerra militar.

8. A guerra é travada por meios diferentes e em campos diferentes. Isto implica no bem conhecido princípio de guerra, a flexibilidade. Parece haver entre os comunistas uma tese encoberta no sentido de que:

(a) Uma combinação de flexibilidade e sincronização aplicada à natureza quádrupla da guerra produzirá concentração de forças.

(b) Uma combinação de ação ofensiva, sincronização e flexibilidade, aplicada à natureza quádrupla da guerra, produzirá economia de esforço. Isto é, dois dos princípios de guerra comumente aceitos são, de fato, corolários que resultam da combinação de dois ou mais princípios básicos.

9. A política externa e os negócios internos de uma nação devem ter uma relação íntima. Tem sido observado, porém, que essa relação não existe dentro de uma nação. Essa relação resultou de processos revolucionários e, na maioria das nações, existe como coisa que seria de esperar. Uma nação comunista ou nação em armas relaciona conscientemente, de uma forma artificial, a política externa e a interna.

10. Os atos de uma nação devem determinar os das outras. Nas nações não comunistas, isto se verifica indiretamente, através do comércio e, por vezes, da guerra militar. Entretanto, as nações em armas esforçar-se-ão sempre por exercer influência sobre os negócios internos de outras.

11. A derrocada do capitalismo é impossível sem a violência. O capitalismo é reconhecido como a principal ameaça ao comunismo. São reconhecidas outras classes de oposição ou contra-revolucionárias, mas estas podem ser superadas sem que se lance mão de violência ou da ação militar.

### ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DE GUERRA

Cumpra reconhecer imediatamente que estes princípios comunistas de guerra não abrangem todos os reconhecidos por nós, e que incluem muitos dos que não reconhecemos. Uma razão importante para isso é que esses princípios não se limitam ao campo puramente militar, mas cobrem também os campos diplomático, econômico e psicológico. Uma razão mais importante ainda, é a diferença no conceito de guerra sustentado pelos comunistas. Contra isto pode-se argumentar que os nossos atuais princípios de guerra são ou deveriam ser de natureza universal e, por isso, deveriam aplicar-se ao novo conceito de guerra primeiramente explicado pelos comunistas.

Nossa atenção deverá voltar-se primeiramente para o exame de nossos princípios atuais, à luz dos princípios comunistas de guerra. Em segundo lugar, cumpre sugerir que existe um conjunto mais universal de princípios de guerra.

Os princípios de guerra ora reconhecidos por nós são os seguintes:

1. Seleção e manutenção do objetivo.
2. Manutenção do moral.
3. Segurança.
4. Unidade de comando.
5. Concentração de Forças.
6. Economia de Esforços.
7. Surpresa.
8. Ação ofensiva.
9. Flexibilidade.
10. Cooperação.

Dentre todos esses princípios de guerra que reconhecemos, desejamos sublinhar o 7 — Surpresa.

Os princípios comunistas de guerra não abrangem a surpresa como princípio, mas declaram que ela é um elemento da ação ofensiva. Isto constitui uma fraqueza. A razão disto talvez seja a de que o conceito radical de guerra, sustentado há muito pelos comunistas, tem conduzido sempre à surpresa. Recordar-se, a propósito, que nas operações militares ativas, raramente a Rússia surpreendeu os alemães. Em outras esferas da condução da guerra, os comunistas também raramente surpreendem aqueles que os vigiam de perto. Onde, ao que parece, conseguem surpreender, é quando enfrentam adversários que não têm seguido com aten-

ção seus atos. De um modo geral, os comunistas não prestam tanta atenção à surpresa quanto deveriam prestar. Durante mais de cem anos, eles têm estado na ofensiva, enquanto que seus adversários se têm mantido principalmente na defensiva. Em conclusão, o comunismo tem certas fraquezas que lhe são peculiares devido a não apoiar certos princípios de guerra. A mais séria é a da cooperação. Menos sérias mas também importantes, são as da seleção e manutenção do objetivo e da surpresa. Entretanto, o sentido todo destes defeitos não será compreendido enquanto não fôr tomada uma ação ofensiva contra o comunismo.

Repetindo a sentença inicial, nunca antes, desde que nasceu o Islã, há mais de 1200 anos, a civilização ocidental se viu tão seriamente ameaçada como hoje, desta vez pelo comunismo. Talvez seja adequado encerrar esta série de considerações com a observação feita por Toynbee no sentido de que "o que traz a derrota é menos o desenvolvimento de uma técnica superior do que a veneração de uma velha técnica". Defrontamos com uma mudança na técnica da condução da guerra. Por isso estudemos cuidadosamente e não sigamos cegamente os conceitos anteriores.

**INDÚSTRIA BUSSADORI DE PRODUTOS  
ALIMENTÍCIOS**

D E

**SILVIO BUSSADORI & CIA.**

**PRODUTORES DE :**

Mortadela "Diana", Banha "Caçadora", Charque "Igapó", Presunto "Londrina", Salame, Salsichas e outros frios, Farinha de carnes, ossos e sangue, Extração de sebo industrial

**ESCRITÓRIO E FÁBRICA**

**PARQUE GUANABARA — CX POSTAL N. 1890 — FONE, 2264  
LONDRINA — PARANÁ**